



Retórica: "Vou mandar brasa"

Bate-boca com Simon domina sessão no Senado

Decisão de impedir depoimento de brigadeiro motiva troca de ofensas entre senadores

ROSA COSTA

BRASÍLIA — Os senadores Pedro Simon (PMDB-RS) e Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) voltaram a trocar ofensas ontem no plenário do Senado, em discursos que ocuparam quase todo o tempo da sessão. Antônio Carlos começou respondendo a Simon, que na semana passada criticou sua decisão de impedir o brigadeiro Ivan Frotta de depor na comissão especial que investiga o Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam).

Segundo ACM, Simon reclamou “porque é invejoso, hipócrita, caluniador e porque não está normal”. O senador baiano disse ainda que, “assim como o ferro se consome pela ferrugem, a inveja está consumindo o senador Pedro Simon”. A resposta foi no mesmo tom. Simon chamou Antônio Carlos de “mesquinho e grosseiro, acostumado a assustar as pessoas”. E continuou: “Eu não chamo V. Exa. nem de desonesto nem de louco. Chamo, sim, de temperamental.”

ACM impediu Frotta de falar à comissão do Sivam porque dias antes do depoimento o brigadeiro levantara suspeitas sobre os senadores da comissão, ao dizer numa entrevista que eles estariam trocando a aprovação ao Sivam por favores do governo. Frotta foi até a comissão, mas não pôde falar e saiu da sala logo depois do início de um intenso bate-boca com os senadores.

História — O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), só apareceu no plenário ao final dos discursos. Aproveitou para ampliar as críticas a Simon. Sarney disse que havia sido injustiçado pelo senador gaúcho, que na semana passada o acusou de ter apoiado o fechamento do Congresso no regime militar. Sarney afirmou que defende o Congresso “desde quase menino e até como intelectual”. “O povo brasileiro já me julgou”, afirmou o senador. “Minha biografia pertence à história.”

ACM lembrou que em 1985 Simon vetou a candidatura de Sarney como vice-presidente na chapa de Tancredo Neves, mas depois tornou-se ministro do governo Sarney. Simon devolveu manifestando seu desejo de investigar à fundo a pasta cor-de-rosa encontrada pelo Banco Central, que aponta ACM como o candidato mais favorecido pelas doações do Banco Econômico na campanha eleitoral de 1990.